

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

AGENTE NO BRAZIL : SERAFIM JOSÉ ALVES
Rua Sete de Setembro, 83, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa

VOL Iº.

PARIS, 3º DE JUNHO DE 1878.

NUMERO II.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O PAVILHÃO SUISSO

SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris	Guilhermino de Sá
Exposição de Paris	
Alfonso d'Albuquerque	Bulhão Pato.
Casa de jantar do Príncipe de Galles.	
Um Esculapio Canino	
Lucy Wilson	X...
O Congresso de Berlim	
Um lance d'olhos na carteira do correio	
Revista bibliographica	João Tedeschi.
Variedades	

GRAVURAS

O Pavilhão Suíço. — A porta Japoneza. — O tonel monstro. — Casa de jantar do Pavilhão do Príncipe de Galles. — Um Esculapio Canino. — Congresso de Berlim. — Um lance d'olhos na carteira do Correio.

CORREIO DE PARIS

A ninguem é dado ter uma opinião que agrade a todos. No meu precedente artigo expus sinceramente a impressão que me tinha causado a Exposição de Paris. Pois saiba o leitor que fui reprehendido severamente por ter manifestado uma opinião tão contraria à opinião geral. As objecções que fizeram o favor de me apresentar em carta particular alguns amigos não puderam desgraçadamente abalar o meu parecer sobre o assumpto. Reconheço em muitas das esas objecções bastante acerto, mas a principal, que pretende ter eu feito mal em censurar uma coisa que é quasi universalmente reputada boa, hão de me permitir que a não ache plausível.

Ao escrever aquelle artigo o meu espirito estava preocupado com o que eu reputo uma grande inferioridade da nossa época, que consiste no empenho que tem em deixar-se guiar pelo interesse, subordinando os instintos do homem ao amorda riqueza e dos gozos materiaes que esta traz consigo. Tudo o que constitua o valor e o atrâctivo da vida desaparece por esta forma. O homem assim já não é o ente nobre, que obedece ao dever e que tem a consciencia por directora das suas acções. Já se não encanta com a arte; já não cogita para saber d'onde veio nem para onde vai; já não aprende para cultivar o espirito, mas tão somente para tirar um producto material do saber; não pretende já com o seu obulo enriquecer o bem commun da humanidade que ha de prosseguir na sua marcha quando elle já não existir; religião, justiça, amor, virtude, desinteresse, abnegação, são para elle palavras ócas, sem sentido. Não tem outro fim senão gozar quanto puder, enterrar os sentidos em todos os prazeres, refocillar-se em todas as voluptuosidades.

Preocupado com a idéa de que estas são as opiniões da maioria, e parecendo-me que a Exposição symbolisava bem essas tendencias, e que o afan com que todos á porfia a encareciam caracterisava bem a marcha e o ideal do século, fui talvez injusto para com ella descobrindo-lhe os defeitos e deixando na sombra as qualidades. É possivel. Sou o primeiro a confessal-o. Mas d'ahi a acompanhar o vulgo, que considera o comprehendimento e a sua realiza-

ção uma das maiores glorias do nosso século, vae grande distancia. O commercio e a industria são sem duvida coisas muito uteis e indispensaveis á vida das nações, mas creio sinceramente que não será com elles que a humanidade ha de compor o fio mysterioso que a ha de conduzir a destinos mais altos. Na arca santa em que ella guarda os nomes e as memorias dos seus escolhidos, não se encontram decerto os fastos da industria e do commercio. Não devemos confundir o ideal com o indispensavel ou o util. Um homem não pôde passar sem comer, mas se fizer da comida o ideal da vida, com justa razão lhe podemos chamar irracional. Da mesma maneira nós não podemos passar sem commercio nem sem industria, mas aquelles que consideram estas duas manifestações da actividade humana como o alvo supremo do seu desenvolvimento gratuitamente a amesquinham. Ser rico é bom; ser rico sem ter nenhuma outra qualidade é máo; ser rico e desejar sel-o mais ainda, fazendo convergir para esse fim todas as facultades, é pessimo. Sei muito bem que é molestia de que raros se curam, mas duvido que as exposições concorram jamais para diminuir o numero dos doentes. A Inglaterra não é uma grande nação por ter grandes esquadras, por fabricar muito algodão, por possuir numerosas minas, nem por ter inventado poderosas machinas. Certamente que não. A sua superioridade provem de poder contar entre os seus filhos a homens como Shakespeare, Newton, Faraday ou Robert Peel. E se a Inglaterra não ocupa um posto mais alto na historia da civilisação é porque os seus homens mais notaveis são destituídos de espirito científico. São faltos d'essa qualidade, n'aquelle paiz, os da estatura de Newton. A Italia é um grande paiz não só por ser a patria de tantos homens eminentes nas artes e nas letras, como tambem por ter escrito na historia da humanidade uma das paginas mais brilhantes de que ella se pôde gloriar. Foi no sólo italiano que teve origem e adquirio elevadas proporções o monumento gigantesco que tem inscripto no frontão «Igreja Catholica». Durante a longa e impenetrável escuridão que envolveu a Europa na primeira metade da idade média, o unico asylo que os corações afflictos podiam encontrar era aquelle. Era aquelle o unico refugio contra o pesado realismo da vida material, o unico amparo dos fracos e dos humildes. Durante aquelle longo eclypse da razão, bastou ella para saciar o desejo de amar de muitos milhóes de espiritos e illuminar um grande numero de existencias que sem ella teriam decorrido pallidas e amortecidas. Conseguiram já escalavrar-lhe as paredes mas não puderam derrubar-lhe a cupola, que é hoje ainda a que vae mais alto no caminho do ideal.

Se formos mais longe, á antiguidade, não nos faltarão exemplos que nos provem quanto o materialismo e a preoccupação da riqueza suffocam as mais brilhantes qualidades geniaes. A Phenicia e a Judéa eram duas nações vizinhas fallando o mesmo idioma. Uma era comerciante, a outra idealista. Em quanto uma se agitava em busca de permultações e oiro para carregar os seus galeões, a outra revolvia convulsivamente o seu idealismo para d'elle arrancar um Deus que a humanidade adorasse por muito séculos. Atravez das idades resplandecem ainda com luz singular, os vestigios da lucta, marcados com o sello da originalidade

creadora d'aquelle povo extraordinario. Ora é o canto cheio de perfume agreste e selvagem de Deborah; ora os Psalmos, a mais alta e a mais pura expressão do sentimento religioso que se conhece; ora o livro d'Isaias, incomparavel colleção de odes propheticas, entre as quaes aparece em relevo como se fôra escripto com letras de fogo, o primeiro hymno de dor que o homem ouvio, aquelle inspirado grito de angustia que acaba pelas palavras: *os dias do teu luto estão acabados para sempre*. Os Phenicios não tinham a intuição que faz sair um povo dos estreitos limites das coisas finitas, e que o salva do eterno olvido. Uma das maiores descobertas da antiguidade, senão a mais importante, foi feita por elles. Fôram elles que formaram o alfabeto com que escrevemos hoje. Este precioso legado impedio-os de morrerem completamente, mas o seu nome reluz frousamente na historia, em quanto que o dos Israelitas brilha intensamente atravez dos séculos até nossos dias.

Os Israelitas colhiam no seu idealismo o invencivel sentimento da sua superioridade intellectual. Foi esta a unica força que por muito tempo oppuzeram ás forças brutas que os rodeavam. Quando os habitantes da soberba Babylonia, perguntavam a um punhado de homens captivos, ao escol d'Israel, onde estava aquelle que os havia de libertar das suas garras, elles respondiam-lhes apontando para o céo: *Alli*. Pergunte-se á historia o que é que resistio mais á acção destruidora do tempo, se aquella civilisação material, se aquelles palacios arrogantes, ou o celebre Psalmo lyrico com que os Israelitas vergalharam a face do seus opressores. Tanto é certo que uma grande idéa é bem mais forte do que uma forte espada, e que o homem nunca fundou coisa alguma com a força que durasse. A historia diz-nos tambem como e por que serie de decadencias estes ideo-logos vieram a deixar naufragar tanto genio nos parceis do commercio e da industria. A prodigiosa actividade de espirito, que sempre caracterisou este povo, continuou até aos nossos dias a produzir obras litterarias. Mas já não é a litteratura elevada e herculea dos prophetas. A distancia é grande. Em vez da palavra ardente de um Isaias, temos as argucias casuisticas dos rabbinos, triste montão de puerilidades, digno fructo de uma sociedade de homens que são os primeiros entre todos na usura, no commercio e na industria. Spinoza, os Mendelssohn e Meyerbeer pertencem ao espirito humano em geral e não em particular á seita judaica. A seiva da raça é ainda bastante rica para que cruzada com a das outras raças possa produzir obras como as que deixaram aquelles homens extraordinarios, mas de per si só não dá nada que não seja pobre e rachitico. O judeu dos tempos modernos, o verdadeiro descendente do phariseu que creou a synagoga, é dominado por duas idéas. Durante seis dias da semana explora o commercio e a industria com uma força de que elle só é capaz, e no setimo descansa das fadigas, obedecendo sempre á eterna maxima que constitue todo o segredo dos restos do seu idealismo: esperar e resistir.

Para que serve accumularmos mais exemplos do passado. Bastará notar que de todos os momentos da historia, o nosso é o mais prosaico e o mais pobre de grandes coisas. A sociedade moderna á medida que conquistava um certo

numero de progressos materiaes, e que fazia subir o nível da moralidade, perdia as tradições da alta cultura do espirito e o segredo de se consubstanciar n'aquellas poderosas individualidades que se denominam genios. Tudo é estreito e mesquinho. O architecto já não erige cathedraes, construe casas apalaçadas para alojar o burguez e a sua pretenciosa insignificancia. O pintor só é considerado artista quando consegue vender por subido preço os seus quadros. O poeta escreve em prosa, porque os versos tem poucos compradores. Julga-se do merito de um escriptor pela quantidade de edições das suas obras e pelo numero de exemplares de cada edição. Com o pretexto de que cada qual tem a religião que lhe parece não se tem nenhuma. A literatura acompanha o movimento e descobrío, á falta de ideal, um processo industrioso, que consiste em daguerreotypar as paixões e os maos costumes dos coevos. Fica-se pensando que o bem desapareceu completamente, e que só o mal existe. Pobre sociedade! segundo a nova escola os que não são māos são idiotas. São tudo rebentos paludosos, insalubres, cryptogamicos. Entre os novos adeptos encontram-se homens de verdadeiro talento, mas tem todos um olho fechado e com o outro não vêm senão pustulas e devassidões. É que o vicio fascina tanto! a virtude e o dever são tão monotonos, tão aborrecidos!

Não desesperemos. Tudo passa e tudo volta. Quando uma civilisação acaba é porque nasce outra. A que precedeu imediatamente a nossa deu o maior poeta que tem tido a humanidade. Deu Beethoven. A nossa, toda entregue ao carvão de pedra e ao ferro, de bom, só tem dado homens que sabem plantar no campo da sciencia novos arbustos. Quem sabe? talvez que a que se vai seguir, veja o homem com pulso bastante forte para reunir n'um feixe todos esses arbustos, enxertal-os uns nos outros, craval-os bem fundo na terra e formar assim uma arvore possante, cujo fructo contenha o segredo e a explicação das sciencias reunidas. O genio immortal de Beethoven fez vibrar as cordas da alma humana, arrancando d'ellas sons até então desconhecidos. Creou uma nova lingoagem, mystica, profunda, infinita como a idéa que o inspirára. Este descobrirá um novo metodo de philosophia, isto é, rasgará o véo que cobre o fio que liga as sciencias umas ás outras. O espirito humano, assim transformado, poderá, com mais probabilidades de bom exito, tentar de novo escalar o céo.

GUILHERMINO DE SÁ.

EXPOSIÇÃO DE PARIS

O PAVILHÃO SUISSO. — A PORTA JAPONEZA
O TONEL MONSTRO

O PAVILHÃO SUISSO. — Fachada e edificio são construidos por Suíssos. É tudo de madeira pintada e ornamentada com as armas de varios cantões, tendo todas a devisa nacional *Todos por um e um por todos*, escriptas em francez e allemão. Por cima do arco do centro estão duas figuras representando dois cavaleiros armados, os quaes fazem tocar o sino que dá as horas, meias horas e quartos. Para ver esta brincadeira junta-se ali sempre muito povo.

A SECÇÃO JAPONEZA no campo de Marte era a unica que estava completa no 1º de maio, dia da abertura. A nossa estampa representa a celebre porta de san-

dalo, entrada principal da secção. Este exemplar de pura manufatura oriental veio já acabado e prompto de Yedo. O interior do pateo é ornado com varios objectos de bronze, cobre, porcelana e charão que tão característico é d'aquelle paiz.

O TONEL MONSTRO fiz parte da secção hungara junto á qual está exposto. Pode conter 100.000 litros. Tem 5 metros e meio de diametro e outros tantos de comprimento. É feito de carvalho e tem inscripto no topo o nome do expositor Gutmann e o logar onde foi construido, North Ganiza.

AFFONSO D'ALBUQUERQUE

DIOGO MENDES DE VASCONCELLOS

— 1510 —

Pouco dias depois de haver tomado a cidade de Gôa, pela segunda vez, Affonso d'Albuquerque mandou Nuno Vaz de Castello-Branco ao rei de Cochim, nosso aliado e amigo desde os primeiros dias da conquista, com uma carta em que lhe dava aquella importantissima nova. Quando Nuno Vaz, apresentando a mensagem ao rei, narrou os promenores d'aquelle feito, estavam, entre outros, presentes dois Moiros de muita influencia, e, estremecendo ao ouvirem o que tinham como grande desastre, um d'elles disse :

— Agora acabou o Governador de dar volta á chave da India em favor do seu rei.

Este dito d'um adversario que sabia o alcance d'aquelle victoria dá, n'um traço, a elevada estatura de Affonso d'Albuquerque. Puzera de facto ao cinto d'el-rei D. Manuel a chave da India; oxalá que annos antes, D. João II tivesse posto á cinta a chave do Mediterraneo — não tão doirada e apparososa, porem muito mais segura para Portugal!

Como todos os homens superiores, Albuquerque era invejado e profundamente odiado por um grande numero dos que o cercavam, e só a rigissima tempora da sua vontade, apanagio dos grandes espiritos, podia ter força para vencer e dominar as intrigas latentes, e a resistencia, que, ás vezes abertamente, lhe oppunham homens comparaveis pelo valor, intelligencia e popularidade entre os soldados, aos primeiros cabos de guerra que serviram com Napoleão Bonaparte.

O segundo assalto a Gôa foi um dos lances que mais lhe regatearam e empeceram alguns dos seus capitães, fidalgos e cavalleiros.

Diogo Mendes de Vasconcellos chegara á India quando Albuquerque, vencendo temiveis obstaculos, esperava ensejo favoravel para a segunda arremetida. Diogo Mendes trazia quatro navios e trezentos homens. Este auxilio vinha como providencial.

Diogo Mendes de Vasconcellos, capitão-mór da frota, recebera grandes honras d'el-rei de Portugal e trazia ordem para ir sobre Malaca. Era homem de muitissima importancia. Affonso d'Albuquerque conseguira d'elle que o ajudasse no feito de Gôa, sob condicão de o prover depois com os meios que tivesse para seguir na sua derrota.

O compromisso d'Albuquerque suppunha, tacitamente, que o auxilio seria prestado caso não sobreviessem dificuldades imprevistas.

Contra a vontade de muitas das suas melhores espadas, Affonso d'Albuquerque deu o assalto em dia de Santa Catharina do Monte Si-

nay — 25 de Novembro de 1510 — e venceu Os prodigios que se fizeram n'esse combate, prodigios que só se podem acreditar pela evidencia dos factos, serão contados n'um capitulo especial d'estes episodios.

Mendes de Vasconcellos prestara ao Governador da India os mais altos serviços n'aquelle jornada. Quando chegou o momento, Diogo Mendes pediu a Albuquerque o cumprimento das suas promessas.

A situação era gravissima. Segundo uma phrase do Governador « Gôa estava rota por todos os lados ». Ou largar por mão aquella preciosa conquista ou não perder um momento em a consolidar : para isso todas as suas forças eram poucas e como repartil-as por outras empresas?

Affonso d'Albuquerque recebera um carta de Ruy d'Araujo, captivo em Malaca, carta em que lhe pedia, com vivas e encarecidas instancias, que se fôsse a tomar aquella cidade « mais rica do que cem veneras » porem que para isso se apercebesse com grande frota, material de guerra e o melhor das suas forças, quando não, por maior que fôsse a vontade e a coragem, a empreza seria frustrada, porque o inimigo era muito poderoso.

Affonso d'Albuquerque apresentaria esta carta aos do seu conselho. Alguns d'elles disseram entre si que a carta era simulada e obra do Governador. Affonso d'Albuquerque, alem de notar a Diogo Mendes a falta que lhe fazia em Gôa, lembrou-lhe que só com quatro navios em mau estado, e trezentos homens, infallivelmente lhe sairia malogrado o seu seito de Malaca. Apezar d'isto, Diogo Mendes apertava com o Governador para que lhe cumprisse a promessa : Albuquerque apresentava, moderadamente, as razões claras por que não podia cumprir. Albuquerque tinha diante de si um athleta; elle, porém, era um gigante. O dialogo começava a empolar como as ondas picadas pelo vento.

Diogo Mendes, com voz alterada, dizia :

— Senhor, não sei por que, sem necessidade que de mim tenhaes nem de meus navios, nem de minha gente, me fazeis detenção, com que me não fique tempo para em Cochim me concertar e seguir minha viagem, obrigando-me a perder toda a honra e mercê que el-rei me fez, no que tanto encarregaes vossa consciencia.

O Governador replicava, correndo a mão pelas barbas brancas, que lhe chegavam até á cintura, e carregando o rosto com aquella expressão que fazia empalidecer os mais valentes :

— Até aqui, em tudo que me requerestes da parte d'el-rei nosso senhor, vos tenho satisfeito ; mas agora que me amoestais com minha consciencia vos digo que mais não aporfieis em vossa contumacia e vos torno a dizer outra vez e nove, tudo o que vos tenho dito.

Diogo Mendes de Vasconcellos retirou-se porem resolvido a n'essa mesma noite, com a vântane da maré, sair de Gôa. Os trez capitães dos seus navios eram : Balthasar da Silva, de nobre linhagem ou fidalgo honrado, como dizem os chronistas do tempo, homem que levava o valor até á temeridade; Pero Quaresma e Annibal Cerniche¹, estrangeiro, venesiano provavelmente. Pero Quaresma não os quiz acompanhar, e mettendo-se no batel, veio prevenir Albuquerque de que Diogo Mendes com os seus

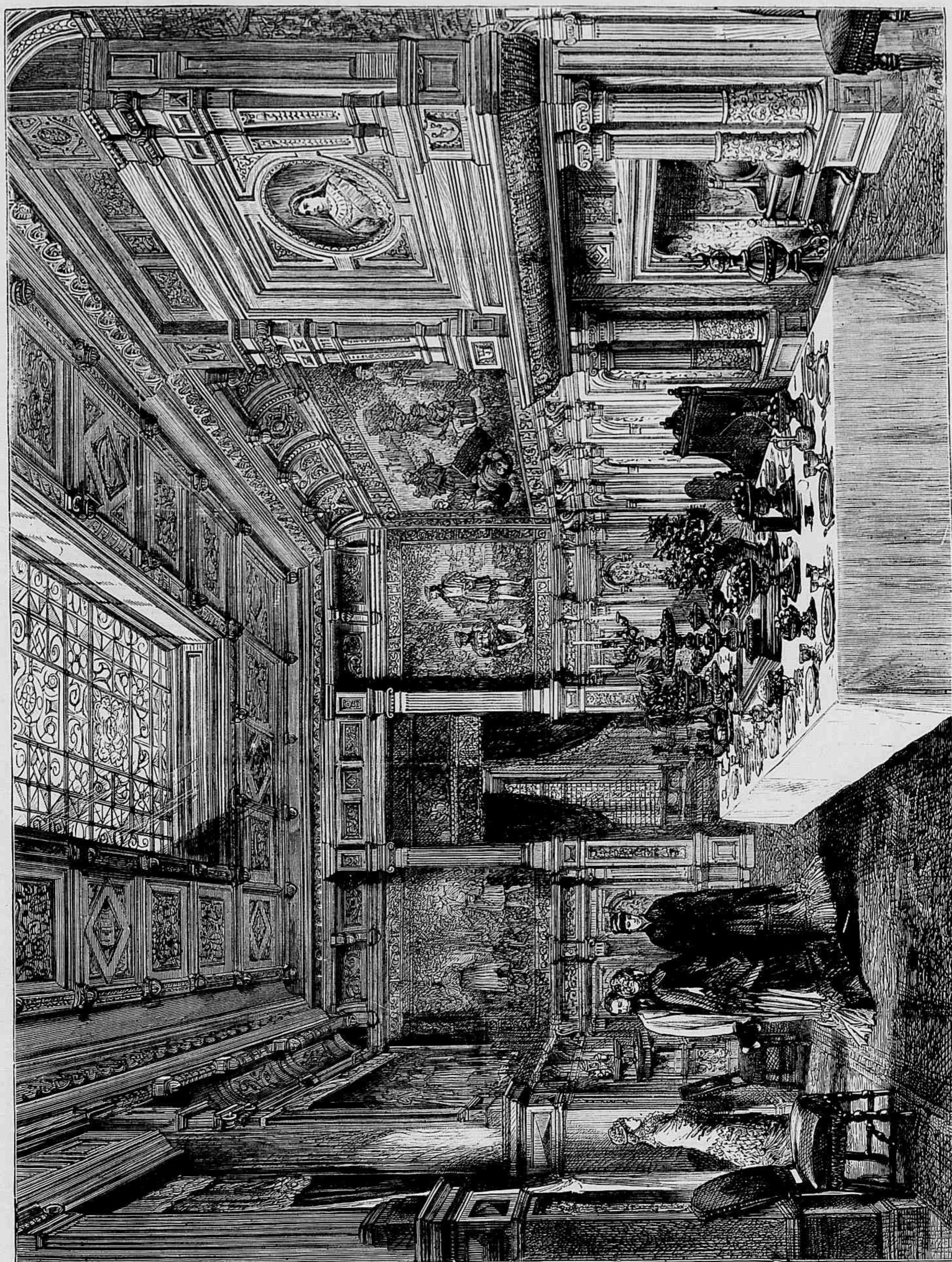
¹. Diniz, lhe chama João de Barros. Seguimos n'este ponto Castanheda, que lhe chama Annibal e diz que era estrangeiro.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A PORTA JAPONEZA



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O TONEL MONSTRO



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — CASA DE JANTAR DO PAVILHÃO DO PRÍNCIPE DE GÁLLES

navios e a sua gente largára em secreto do porto.

Então, Affonso d'Albuquerque montou a cavalo e chegando ao caes mandou Jayme Teixeira n'uma galé, com a bandeira real no mastro; Duarte de Mello n'outra galé; Manuel de Lacerda n'uma caravella e Pero d'Alpoim n'uma atalaya do Timoja com ordem a todos, caso Mendes de Vasconcellos não amainasse, de o metterem no fundo como traidor alevantado. Jayme Teixeira achou ainda na barra Annibal Cerniche e fê-lo surgir. Foi-se depois a Diogo Mendes, que andava em calma, e fallando-lhe por pôpa, lhe requereu da parte do Governador que amainasse quando não que o mettia no fundo. Diogo Mendes respondeu :

— D'isso dará contas a Deus, que eu não hei de amainar.

Jayme Teixeira mandou-lhe em seguida um tiro de camello que lhe atravessou a camara e matou dois homens. Approximando-se Duarte de Mello na outra galé, fez-lhe alguns tiros deixando-lhe abaixo as vergas. Diogo Mendes surgiu. Balthasar da Silva, vendo amainar o seu capitão-mór amainou tambem. Então trouxeram ao Governador Diogo Mendes com os seus capitães, mestres e pilotos, estes já presos em ferros.

Affonso d'Albuquerque estava no terreiro das suas casas com muitos fidalgos quando Diogo Mendes entrou — espumando de colera e dizendo :

— Senhor, por que me não guardaes justiça e verdade; sou tão poderoso em meus navios e gente como vós sois na India. Tendes poder absoluto para fazer tudo; mas se n'este mundo me não fizerdes justiça, Deus no outro m'a fará de vós.

O Governador olhando ao que devêra a Diogo Mendes na tomada de Gôa, ao grande valimento que tinha junto a el-rei de Portugal, supitou os impetos do seu genio e disse com apparente serenidade :

— Muito estou espantado, Diogo Mendes, vos regerdes por cabeças de sandeus que trazeis em vossa companhia. Fugistes ao vosso capitão-mór e Governador da India : cometastes grande erro.

Diogo Mendes respondeu com altivez :

— Meu capitão não sois, que el-rei me fez isento de vosso mando¹.

N'este ponto, Affonso d'Albuquerque, o velho leão dos palmares da Índia, deu um pulo e rugindo, n'uma expansão de furor, mandou meter Diogo Mendes de Vasconcellos n'uma torre do castello, com uma adoba de quatro elos.

Depois procedeu no caso.

Balthasar da Silva por não ter n'elle alcada², deixou-o ir para Cananor e depois para o reino. Foi este um dos homens que mais contribuiram para inimizar Albuquerque com D. Manuel.

Annibal Cerniche esteve por um fio a ser

1. Estes dialogos, apezar de cortados pela indole d'estes episódios, não teem uma palavra que não seja textual.

2. F. Lopes de Castanheda e João de Barros são conformes em que Balthasar da Silva estava em Cananor. Gaspar Corrêa, autoridade suprema porque lhe correu todo este negocio pela mão, como secretario d'Albuquerque, não só disse que Balthasar estava a bordo do seu navio, mas transcreve as ousadas e violentas palavras que elle atira á cara de Affonso d'Albuquerque.

degolado e commutou-se-lhe a pena em degredo perpetuo para a ilha de S. Thomé. Os pilotos e aos mestres ordenou que lhe dessem tratos, e foram tão espertos, os tratos, que voltaram aleijados para Portugal. Os pilotos de Diogo Mendes e Balthasar da Silva, por mais que entercederam em favor d'elles os fidalgos, mandou-os enforcar nas vergas das naus.

N'aquelles tempos épicos, não se podia ser util nem grande sem esta energia, a que hoje, em nome da civilisação e da sciencia — graças a Deus! — chamariamos ferocissima barbaridade!

BULHÃO PATO.

CASA DE JANTAR

DO PAVILHÃO DO PRÍNCIPE DE GALLES

Já no numero passado, referindo-nos ao Pavilhão do Príncipe de Galles, fallámos d'esta riquissima casa de jantar. Acrescentaremos apenas que a mobilia é da mesma madeira que as paredes, isto é de nogueira da America.

O estofo das cadeiras e reposteiros é verde. Além da muita obra de talha que ha pelas paredes estão estas cobertas com incrustações de madeira e marfim formando uma especie de mosaico. Por cima do fogão, e não deante, como dissémos por engano, está um tapete circular com o retrato da rainha Victoria. O efecto que produz esta sala no animo do espectador é maravilhoso, efecto realçado pelos raios de uma luz suave, coada pelo tecto de vidro fusco.

UM ESCULAPIO CANINO

Em Londres h'a muitos estabelecimentos semelhantes ao representado na nossa estampa, principalmente nos bairros, Seven Dials, Bethnal Green e Whitechapel. Geralmente os donos d'esses estabelecimentos não são só negociantes de cães, macacos, coelhos, passaros, furões e outros animaes, como tambem recebem em sua casa animaes de fóra para serem tractados no estabelecimento se estão doentes, ou simplesmente alojados e sustentados se os donos se ausentam da cidade por qualquer motivo. Em qualquer dos casos é preciso que o director do estabelecimento seja um doutor consummado na arte de tractar as doenças dos animaes. Aquelle que alli vêm é profundissimo na materia, e não só profundo como conscientioso na applicação do tratamento. Basta ver com que escrupulosa attenção elle observa aquelle frasquinho que contem a droga, antes de a administrar ao doente. Com que amor e sciencia elle examina aquillo! Não tem que ver : é um Esculapio conspicuo, que se considera tão importante, que tomára muita gente ser o que elle pensa que é.

LUCY WILSON

I

O pharol velho de Huncliff ergua-se, a coisa de uma milha da costa de Inglaterra, sobre um banco de rochedos, ora cobertos de agua ora descobertos em parte, consoante as marés, e que formam, aqui e ali, congeries caprichosas que as ondas teem lentamente socavado, construindo um dedalo de galerias e grutas, onde veem aninhar-se as aves marinhas.

O pharol reduzia-se a uma velha e grosseira construcção de madeira, que a menor agitação do mar, rebentando-lhe na base, fazia estremecer e estellar de uma maneira assustadora.

Graças a uma certa instrucção especial, adquirida sob a direcção de um velho marítimo, com quem fizera umas poucas de viagens, para completar a minha educação nautica, graças sobretudo á protecção de um dos homens influentes de Huncliff, obtive sem dificuldade o lugar de guarda do pharol.

O lugar era rendoso e permittia-me fazer economias, com um fim distante ainda, mas extremamente agradável.

É que o meu protector, o velho Wilson, estalajadeiro em Huncliff, não somente possuia uma fortunasinha sofrível, mas era paes d'uma formosa rapariga que eu amava apaixonadamente.

Lucy Wilson, com os seus bastos cabellos loiros, os seus olhos azuis, que um sorriso encantador illuminava, e a sua bella cor de rosto, avivada pela brisa marinha, era a estrella de Huncliff. Suspiravam por ella todos os rapazes da villa, mas suspiravam em vão. Lucy mostrava-se indiferente. Eu por mim, considerava-me tanto mais feliz por ter obtido o lugar de pharoleiro, quanto a minha nova occupação me aproximava d'aquelle que amava.

O velho estalajadeiro era o fornecedor do pharol; em dias certos, vinha pessoalmente trazer as provisões necessarias.

Accompanhava-o habitualmente Lucy, que parecia gostar muito d'estas pequenas excursões marítimas. Ás vezes, tomava eu tambem lugar no bote, e sentia um estremecimento de prazer vendo Lucy assentada ao meu lado, empunhar o remo, em quanto o vento lhe brincava com os anneis do cabello, e o esforço de remar lhe avivava o carmim das faces.

As minhas funções de pharoleiro não eram custosas, mas impunham-me deveres, que tinha de cumprir com a exactidão e a regularidade de um chronometro.

O primeiro d'esses deveres consistia em accender as luzes todas as tardes, ao pôr do sol, e de tomar cuidado n'ellas, durante a noite, de modo que brilhassem continuamente com a mesma intensidade até ao amanhecer.

Não havia senão dois habitantes no pharol de Huncliff : eu e o meu ajudante, William Gisborne. Era uma existencia monotona, apenas interrompida pelas visitas dos nossos amigos de Huncliff.

Esta vida de pharoleiro, durante as longas noites tempestuosas de inverno, tinha bem pouco que invejar. Era necessário velar continuamente no cubiculo que ficava por debaixo da lanterna, isto é, do sitio onde ardiam as lampadas, resguardadas por uma grande caixa de vidro extremamente grosso.

Com estas noites pavorosas contrastavam as bellas tardes de verão, quando, a perder de vista, a superficie placida do mar se estendia como uma planicie azulada, sobre a qual se destacavam, aqui e ali, uma vela branca, o dorso prateado de algum peixe, ou a franja de escuma ligeira, que a brisa da tarde fazia oscilar sobre a crista das ondas preguiçosas.

Via-se então um bote afastar-se da praia de Huncliff e, vogando serenamente, aproximar-se do pharol.

Era o velho Wilson e Lucy, que vinham trazer-nos as nossas provisões, ou simplesmente

fazer-nos uma visita. Corriamos então alegremente à plata-fórmia, para adjudarmos os nossos amigos a desembarcarem, amarravamos o bote e levávamos para cima as provisões.

O velho Wilson, depois de muitos apertos de mão e muitos sorrisos, contava-nos o que ia de novo por Huncliff.

Lucy aparecia-nos, na nossa solidão, como um anjo de beleza e bondade. Eu sentia crescer rapidamente o amor que ella me inspirava. Contava, como coisa certa, obter a sua mão.

Achava-me, pela minha instrucção, muito superior a todos os rapazes de Huncliff, e Lucy, que tinha andado na escola, devia saber apreciar esta superioridade. Mostrava-se ella menos timida comigo do que com o meu ajudante, William Gisborne, sem deixar comido de ser attenciosa com elle.

Apezar das visitas de Lucy e de seu pai, e de algumas pescarias, que fazíamos ás vezes, a vida que levávamos no pharol era singularmente monotona e solitaria. Não tínhamos outra distração senão conversarmos um com o outro. Por este motivo considerava eu uma grande felicidade ter encontrado um companheiro de desterro como William Gisborne.

William tinha um carácter excepcionalmente affavel e bondoso. As suas feições eram regulares e expressivas, e realçadas por um olhar profundo e brilhante. Bastos cabellos, incultos mas annellados, lhe emmolduravam o rosto gentil.

A graça e viveza natural da sua intelligencia tornavam-no um companheiro precioso na minha solidão. A sua conversa era sempre interessante.

Estas conversas eram, a final, o nosso principal e quasi unico passatempo. Contavamo um ao outro, intimamente, os casos da nossa vida passada, discutímos sobre os nossos sentimentos, as nossas idéas : comunicavamo um ao outro os planos que cada um formava para o futuro : mas, coisa singular, nenhum de nós pronunciava jamais o nome de Lucy! as confidencias de amor pareciam excluidas systematicamente das nossas conversações.

Acabei por ter a William na conta d'um ente frio e insensível aos encantos da mulher, e chegava a sentir dó d'elle, por esse motivo.

II

N'uma tarde de outomno, em quanto me entretinha, pescando, na plata-fórmia, descobri, ao longe, o bote do velho Wilson, que se aproximava, e Lucy, que já de longe nos dizia adeus, agitando um lenço branco. Puz de banda, imediatamente, caniços e redes, esperando que o bote atracasse, com aquelle sobre-salto de contentamento, proprio dos namorados. Tinha resolvido, finalmente, declarar a Lucy os meus sentimentos. Havia muito que pensava n'isso. Seria hoje o grande dia. Em quanto assim scismava, um ruido, que senti em cima, me fez levantar a cabeça. Era William, que chegára á janella do primeiro andar e observava, como eu, o bote dos nossos amigos. Impressionou-me a expressão da sua phisionomia. Pareceu-me devistar n'ella uma alegria profunda, uma paixão concentrada e vehemente. Mas esta impressão foi como um relâmpago.

O bote atracou á rocha, os nossos amigos saltaram na plata-fórmia, e aquelle começo de

suspeita desvaneceu-se na effusão da chegada. Nunca Lucy me parecera tão bella, nunca se mostrara comigo tão affavel e carinhosa.

Corria, antes voava, como uma borboleta, d'um quarto para o outro : atreveu-se mesmo a subir á lanterna e a dar uma volta na galeria exterior, d'onde se descia para a plata-fórmia por uma escada de mão.

Alem d'esta escada de mão, para o serviço exterior, havia outra interior, a que davamos, por excellencia, o nome de escada.

Demorei-me algum tempo a fazer as contas com o velho Wilson, tempo que me pareceu uma eternidade, a tal ponto estava impaciente por fallar a Lucy e declarar-lhe o meu amor.

Acabaram, a final, as contas. Deixei Wilson examinando ainda uma vez os seus cadernos e corri á procura de Lucy.

Um sussurro de vozes, que vinha do lado da plata-fórmia, chegou aos meus ouvidos. Deitei a cabeça de fóra da janella e vi... Lucy, sentada no bote, ao pé de William.

Tomado d'uma vaga desconfiança, desci devagar á plata-fórmia, e encobrindo-me com os madeiramentos exteriores, aproximei-me a pequena distancia do logar onde o bote estava amarrado.

Todo eu tremia, como se me tivesse dado uma convulsão, mas duvidava ainda.

William e Lucy pareciam absorvidos n'uma conversa interessante. Ella tinha deitado sobre os hombros uma especie de manto, com capuz : a brisa levantou um instante o manto... a plata-fórmia vacillou um instante sob os meus pés... vi o braço de William passado á cintura de Lucy!

— Dize-lh'o, querido William, murmurava Lucy, sem despregar os olhos do rosto do meu odiado ajudante.

— E para que lh'o hei de dizer? respondia William, fitando Lucy com um sorriso de felicidade e orgulho.

— Porque? (n'este ponto Lucy encostou a formosa cabeça sobre o ombro de Gisborne, e eu cidei que ia endoidecer). Para que?.. Porque... não sei como te hei de dizer isto... Porque já não é sem tempo... elle ama-me, estou certa, e por causa d'isso tenho medo d'elle...

Ah! ella tinha medo de mim!..

Pois, em verdade, tinha razão! e se n'aquelle momento me podesse ver, o susto ter-se-lhe-hia transformado em terror!

— Dize-lhe, querido William, que vou casar com meu primo Park. É uma mentira... prudente. Estais ambos sós aqui, e se elle advinhasse... Meu Deus!.. Elle é tão violento, e tu tão delicado... Ah! tenho tanto medo!

— Não te assustes, querida, respondia William : não sou um Hercules, como elle, mas deixa estar, que não tenho medo!

— Não importa, faze isto por amor de mim, murmurava Lucy. E como ultimo argumento, ergueu a cabeça e depoz um beijo na face de William.

Oh! que desespero furioso se apoderou então de mim! Sentia nos ouvidos um zunido formidável, como se me envolvesse uma tempestade; um suor frio corria-me em gotas sobre a fronte; vacillei e tive de me encostar a uma das traves, para não cair.

Aquelle beijo tornára-me louco. A minha Lucy (pois, na minha illusão, accustumára-me a consideral-a como pertencendo-me já) a minha

Lucy amava outro homem... E quem? O meu subalterno, um criancola, imberbe, insignificante!

E era aquelle miseravel, que ousara roubar-me um amor, que constituia a minha esperança, a minha felicidade, a minha vida!

Não foi sem grande esforço que consegui acalmar-me, e compor um rosto sereno para assistir á partida.

Mas como poderia eu, de futuro, supportar a presença de William e Lucy? De que modo me conduziria, de futuro, com elles?

À despedida, Lucy mostrou-se, como sempre, alegre e amavel comigo. Notou talvez o meu ar preocupado, mas fingio não dar por isso.

Os remos mergulharam na agua e o bote afastou-se rapidamente. O riso argentino da formosa rapariga chegava-nos ainda, de vez em quando, aos ouvidos. Dizia adeus, acenando. A quem? De mais o sabia eu!

Gisborne, depois da partida de Lucy, subiu imediatamente á lanterna. Era a sua hora de quarto. Eu conservei-me em baixo, pouco desejoso d'uma companhia, que se me havia tornado odiosa.

Cai n'uma profunda meditação. Scismava no meu amor, recordava os sonhos de felicidade, agora desvanecidos... E no meio d'este scismar, via sempre, fixamente, aquellas duas cabeças, a d'ella e a d'elle, encostadas ternamente uma á outra!

Depois pensava no futuro, no futuro d'ella com elle... Este pensamento era-me intoleravel. Ergui-me d'un salto, soltei um grito de raiva, levantando os punhos cerrados para a lanterna, e amaldiçoando aquelle homem... O meu rival!

Fervia-me o sangue nas veias, sentia um desejo feroz de vingança.

— William Gisborne, exclamei, não possuirás aquella, cujo amor me roubaste.

No meio d'esta tempestade de paixões violentas, ouvi chamar por mim.

Era o meu ajudante, que me chamava, para entrar de quarto. Tinha-me esquecido que era a minha vez. O som d'aquella voz exasperou-me. Não respondi. Era-me impossivel. Esperei William. Não me ouvindo responder, desceu. Pareceu-me ver brilhar na sua phisionomia a alegria do triumpho. Fitou-me com ar de quem interroga.

— Dou-te os parabens! bradei eu, com um som de voz vibrante.

— Por que motivo?

— Pelo teu casamento com Lucy Wilson. Mas lembra-te somente que ainda não está concluído!

— E quem é que o ha de impedir? respondeu William, erguendo a cabeça com um gesto altivo.

— Eu! repliquei, como n'um rugido, precipitando-me sobre elle.

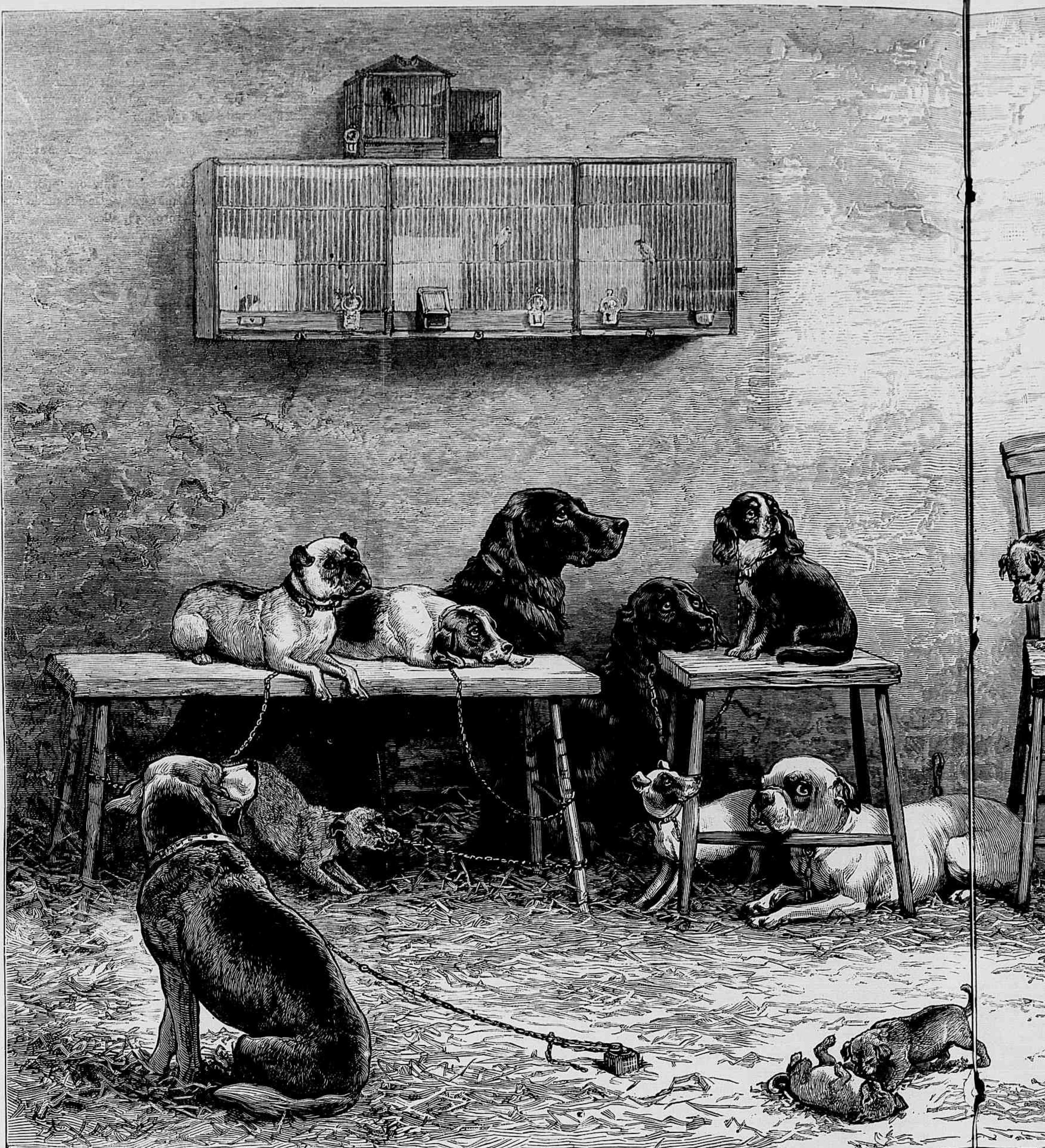
William esperava-me a pé firme.

— Não a possuirás! bradei eu, accomettendo-o.

— É minha, desde esta tarde! respondeu elle, com voz tranquilla e firme.

Momentos depois, rolavamos ambos sobre a plata-fórmia, abraçados ferozmente, como duas serpentes n'um combate de morte. Um de nós devia perder ali a vida.

William era mais forte do que eu julgava. Era uma lucta terrivel, no meio da solidão immensa das aguas, sobre as quaes se reflectia o clarão do pharol. Conseguí por fim subjugar Gisborne. Com uma raiva cega, contive debaixo



UM ESCULAPIO CANI



J.C. Dollman

PIO CANINO

de mim o corpo do meu inimigo, que se debatia, procurando ferir-me com uma faca. Em vão! Os meus joelhos comprimiam-lhe o peito... as minhas mãos apertavam-lhe o pescoço... Tentou ainda resistir alguns momentos... De repente, soltou um gemido profundo; os olhos, injectados de sangue, reviraram-se horrivelmente; as mãos amorteceram-se e caíram inertes. Estava morto.

Operou-se instantaneamente em mim uma reacção. Passei n'um momento, do paroxismo do furor e do odio, á apreciação fria do meu crime. Tinha morto um homem!

Aterrado, fugi como um louco para a parte superior do pharol, mas, ao chegar ao primeiro andar, caí no chão, sem sentidos.

III.

Quando recobri os sentidos, era já dia claro e as lampadas da lanterna ardiam ainda com todo o brilho. Machinalmente, subi para as apagar e arranjá-las para a noite seguinte. Opprimeu-me o silencio que envolvia a nossa habitação. Sobre tudo, a idéa de descer á plata-fórmā apavorava-me.

Era ali que estava estendido, sem vida, o corpo d'aquelle, que, hontem ainda, moço e bello, eu tinha visto ao lado de Lucy.

Tinha morto um homem! sentia já pairar sobre mim a maldicção de Caim! Assomei á janella. A manhã estava esplendida, e o sol erguia-se magestosamente. Inclinando-me, devisei um objecto escuro, que fluctuava sobre a agua... Era o chapéu da minha victimā, aquelle chapéu de marinheiro, que tão bem lhe ficava sobre a sua opulenta cabellera annellada. Aterrado, desci a toda a pressa. Era necessário recolher aquelle objecto, que as ondas podiam levar até á praia fronteira, para denunciar o meu crime...

D'um momento para o outro o terrível segredo podia ser descoberto. A minha imaginação antecipava os acontecimentos... Era necessário fugir!

Via já diante de mim a força estendendo-me os seus dois braços hediondos!

Mas, antes da noite, era-me impossivel fugir: se, á hora costumada, não vissem de terra a luz do pharol, podiam desconfiar, mandar alguém informar-se, e tudo se descobriria. Dirigi-me á plata-fórmā, fechando instinctivamente os olhos, de tal forma me aterrava a idéa de ter de encarar com o cadaver do meu rival...

Batia-me violentamente o coração...

Mais morto do que vivo, abri a final os olhos, e olhei em volta, estupefacto...

A plata-fórmā estava vazia!

A maré tinha levado o cadaver de William. Para onde? Incerteza terrível! Se o tinha levado para terra, estava eu perdido sem remissão... Mas talvez o tivesse deposito entre os rochedos: era uma probabilidade a meu favor. Apanhei o chapéu do meu companheiro, que ainda boiava, e ao abaixar-me descobri, entre os madeiros, o relogio de William, que, na vespera, lhe tinha saltado da algibeira, em quanto luctavamos.

Era um relogio de oiro. Guardei-o. Podia servir-me. Fugir sem recursos suficientes, era entregar-me nos mãos da justiça. Era já assassino, tornei-me ladrão!

Absorvido n'estes pensamentos, fitava o mar com ar sombrio, quando vi um bote affastar-se

de Huncliff e dirigir-se para o pharol. Distingui um veo branco, que fluctuava ao vento: signal bem conhecido de Lucy. Conclui que nada sabia ainda. A maré não me tinha traído. Mas como devia eu recebel-a?

Em tais momentos, a resolução acode ainda aos mais irresolutos. Bastou-me um instante para tomar uma determinação.

Ao aproximar-se, Lucy considerava o pharol com ar inquieto. Evidentemente procurava alguém, que não via.

Ao saltar em terra, exclamou, com uma precipitação, que traía a sollicitude do amor:

— Onde está William?

— William está doente, respondi, sem a menor hesitação: desconfio que tem febre.

— Doente! exclamou ella, William está doente! Oh! deixe-me ir vê-lo!

E os seus olhos formosos encheram-se de lagrimas. Estas lagrimas causaram-me uma verdadeira tortura.

— Não a deixe vê-lo, respondi eu, com firmeza, a febre pôde ser contagiosa.

— Oh! deixe-me ver, um só instante, o meu pobre William! supplicou Lucy, de mãos postas. Talvez que precise de mim...

— Não estou resolvido a deixar-lhe commeter uma imprudencia, volvi eu, irritado pelo modo afectuoso por que Lucy fallava do meu rival.

A pobre moça virou-se para o lado, para esconder as lagrimas.

Senti horror de mim mesmo. E, todavia, no fundo do coração, experimentava uma sensação ao mesmo tempo pungente e deliciosa, uma alegria cruel, ao lembrar-me que aquelle, por quem corriam essas lagrimas, não era já acessível a nenhuma sympathia, a nenhuma afecção humana!

Entretando Lucy, depois de ter reflectido um momento, disse-me:

— Já que me não quer deixar vê-lo o que tenho a fazer é ir a terra e voltar depois, com um medico. Se o medico consentir, fico para tomar cuidado de William.

— Sim, respondi eu, lentamente: vá... e traga... um medico...

— E é já! exclamou ella. Vamos, ajude-me a embarcar... e, em quanto eu não volto, tome bem cuidado d'elle!

Acompanhei-a machinalmente. O rapazito, que não tinha saltado em terra, empunhou os remos e o bote afastou-se rapidamente. Quando voltassem, estaria eu já longe, pois agora não me restava senão fugir, e d'isso passei a ocupar-me.

O mar estava manso, era-me facil ganhar a costa, a nado; uma vez em terra firme, não tinha mais do que deitar a fugir.

D'um momento para o outro, o mar podia levar o cadaver para a costa, e o crime seria imediatamente descoberto. A cada instante me parecia ver já um bote largar de terra, com gente para me prender.

Foi no meio d'estes trances crueis que fiz, á pressa, os preparativos indispensaveis para a fuga.

Mas, não tinha ainda acabado, quando notei que o vento havia mudado: o mar empolava-se e massas de nuvens negras se acumulavam no horizonte. Era uma tempestade, que se preparava, e a minha fuga tornava-se impossivel. Verdade é que, pelo mesmo motivo, cessava tambem toda a communicação com a terra, e

podia considerar-me em segurança, em quanto durasse a tempestade.

Escureceu repentinamente, e ergueu-se um vento impetuoso, que levantava turbilhões de escuma sobre a crista das ondas.

A noite annunciava-se medonha. Subi ao primeiro andar, não podendo já conservar-me na plata-fórmā, que as ondas varriam impetuosamente.

Era necessario acender as luzes da lanterna. Mas, para chegar á lanterna, tinha de passar pelo quarto de William... Pela primeira vez na minha vida, senti medo!.. Via diante de mim, com uma fixidez inexhorável, a figura de William, com o rosto desfigurado, os olhos fóra das orbitas, medonho e terrível!

Entretanto, a escuridão augmentava. Era preciso tomar uma resolução. A todo o custo, era necessário que de terra vissem a luz do pharol. Enchi-me de resolução e subi.

Atravessei, correndo, o quarto de William e entrei, como louco, na lanterna. Tive de me sentar ali um momento, para descansar, tão forte fôra a commoção! Conseguí finalmente socegar um pouco, e accender as luzes.

Voltei para o quarto de espera. A tempestade, desencadeada, mugia horrivelmente. As ondas, furiosas, envolviam o pharol e chegavam ás vezes ao primeiro andar. O fragil edificio estremecia, como prestes a desabar.

Estendi-me no chão e tentei dormir. Mas o meu sonno era um pesadelo horrível, uma halucinação medonha.

No meio do tumulto da tempestade, do sibilante do vento e do embate das ondas, parecia-me ouvir distinctamente, no andar de cima, os passos de William o som da sua voz clara a sonora, e aquelles mil ruidos familiares, que outr'ora denunciavam a sua presença e as suas occupações...

Estava verdadeiramente halucinado!

Deram trez horas da noite. Lembrei-me então que as luzes da lanterna deviam estar quasi apagadas e precipitei-me, meio adormecido, para as ir arranjar. No meio das minhas terríveis preocupações, tinha esquecido aquelle grave dever.

Olhando pela janella, vi com effeito que a luz do pharol bruxuleava apenas amortecida. Mais alguns momentos e apagar-se-hia de todo. Corri para o andar de cima, fazendo votos para que nenhum desgraçado navio tivesse sido vítima da minha negligencia. Ao chegar, porém, ao quarto imediatamente inferior á lanterna, qual não foi meu espanto ao ver o pharol, que já se ia apagando, accender-se de repente, como de per si, e, readquirindo todo o seu brilho, projectar sobre a escuridão do mar uma facha de luz clara e intensa, como desafiando a tempestade!

IV

Cobri-me todo de suor frio.

Segurei-me á escada, para não cair; senti faltar-me a vista; um calafrio de horror me percorreu os membros entorpecidos!

Não estava só no pharol!.. que ente misterioso podia estar na lanterna, ocupando-se d'aquelles deveres, familiares só a mim e á minha victimā?

Seria um sonho tudo quanto se havia passado? Aquelle ciume feroz, aquella lucta homicida, aquelle crime, que eu commettera

seria tudo isso apenas uma halucinação, um pesadelo, de que despertava n'este momento?

Estaria vivo William Gisborne, e eu inocente?

Ai de mim, não : tinha bem presente aquella scena terrivel, via bem claramente diante de mim o rosto do pobre William, pallido como a morte, e aquelle olhar sem brilho, fixo, inerte!

Não podia duvidar da horrivel verdade : tinha morto o meu companheiro e o seu cadaver boiava agora sobre as ondas tempestuosas!

Mas quem, quem podia ter accendido as luzes do pharol?

Desci, cambaleando, para o quarto inferior, onde passei o resto da noite n'um estado de angustia indescriptivel. Temia, a cada momento, ver surgir diante de mim o ente mysterioso, cuja presença invisivel, no pharol me enchia de terror.

Só no outro dia, pela manhã, me atrevi a subir á lanterna, para apagar as luzes. A tempestade durava ainda e ninguem se aventuraria, de terra, a vir ao pharol. Podia, por esse lado, estar sem cuidados.

Esta tempestade era talvez a minha salvação. O vento, pela direcção que trazia, podia tornar-se meu cumplice, impellindo o cadaver para o alto mar.

Não sei como passei esse dia. Anoiteceu por fim. Era necessário ir accender a lanterna. Mas só a idéa de penetrar n'esse logar, agora pavoso para mim, me enchia de terror. Encontraria ali o mysterioso hospede da noite passada?

Entretendo anoiteceu inteiramente.

Enchi-me de coragem, empunhei uma navalha e dispuz-me a cumprir aquelle imperioso dever.

Esperava-me uma terrivel surpresa, na antecamera da lanterna: *As luzes estavam acezas!*

Desci como um doido, e fechei-me mais morto do que vivo, no quarto de baixo, em quanto o pharol fantastico projectava sobre as aguas o seu clarão sinistro.

Passei essa noite n'uma agonia incessante. A tempestade rugia em volta de mim, o trovão troava de continuo e as ondas, erguendo-se umas sobre as outras, preciam querer submergir o pharol, que estremecia de cima a baixo.

Durante toda a noite, a luz da lanterna não se amorteceu um instante! Perdia-me em conjecturas: a minha razão vacillava. Parecia-me que não pertencia já ao mundo dos vivos, ao mundo real. Só com a luz da manhã se dissiparam as medonhas visões, que me haviam apavorado durante a noite.

Acalmára a tormenta, aplacára-se o vendaval: agora podia, d'um momento para o outro, vir gente de terra.

Peguei no oculo e olhei para Huncliff. Um bote largava n'esse instante, com proa ao pharol. Tinha de tomar uma resolução imediatamente. Resolvi declarar que William havia succumbido á febre e que eu, com medo do contagio, tinha lançado ao mar o seu cadaver.

O bote aproximava-se. Vinham n'elle dois homens e uma mulher, que suppuz ser Lucy.

Batia-me fortemente o coração. O bote luctava com aressaca, e em vez de seguir a linha recta, desviára-se para a esquerda, dirigindo-se para um ponto em que os rochedos formavam uma especie de promontorio.

De repente, os dois homens deixaram de

remar: o bote empinou-se sobre a crista d'uma onda poderosa. Os remadores inclinaram-se sobre a borda e pareceu-me que tiravam do mar um objecto, que não pude distinguir. Notei tambem, n'este momento, certa desordem, certa confusão a bordo. Por fim, vi claramente que tiravam da agua uma forma humana, que depositaram no fundo da embarcação.

Turvou-se-me a vista, caí-me o oculo das mãos...

O objecto, que tinha tirado da agua, era o cadaver de William Gisborne. Que seria de mim? Só a fuga, uma fuga immediata me podia ainda salvar. Dentro em poucos minutos vélhos-hia desembarcar na plata-fórmula, trazendo consigo a prova irrecusavel do meu crime!

O meu unico recurso era deitar-me ao mar e ganhar a terra, a nado: recurso arriscado, pois o mar estava ainda bravo, mas o unico que me restava. Convinha esperar que o bote atracasse á plata-fórmula, e atirar então comigo da janella do lado opposto: ganhava tempo e talvez me não vissem. Ajuntei, á pressa, algum dinheiro, uns objectos de valor que possuía, e o relogio de William. Embrulhei tudo n'um lenço, que amarrei á cintura. Não tinha tempo a perder. Ouvia já a bulha dos remos...

V

Atirei comigo d'uma janella, e eis-me luctando com as ondas. A travessia era difícil e bem depressa o reconheci, apezar de me ter na conta de bom nadador. O mar estava ainda bravo: mas a corrente, por fortuna, levava-me para terra. Enfraquecido pelas angustias dos dois dias precedentes, alcancei a terra firme, n'um estado deploravel, a coisa de duas leguas abaixo de Huncliff.

Trepei pelos rochedos e escondi-me n'uma gruta, minha conhecida desde a infancia, cuja entrada quasi se não via, no meio da folhagem das plantas selvagens, que a rodeavam.

Demorei-me ali apenas o tempo necessário para descansar e enchugar um pouco o fato, que escoria agua. Apezar do meu grande cansaço, não me atrevia a demorar-me muito tempo tão perto de Huncliff.

Conhecia o velho Wilson. Era homem capaz de revolver ceu e terra, para descobrir o assassino do noivo de sua filha. Talvez que já n'aquelle momento me procurassem por toda a parte.

Morto de fadiga, mas sustentado pelo instincto da conservação, cortei em linha recta, na direcção d'uma floresta, minha conhecida. Era já noite, quando ali cheguei. Um monte de folhas secas, que encontrei, pareceu-me então, cama deliciosa. Estava extenuado. Dormi profundamente e era já dia claro quando acordei. Puz-me de novo a caminho. Comprei, n'uma aldeia por onde passei, um pão, um pouco de queijo e agua-ardente, e segui na direcção de Londres.

Tinha decidido procurar trabalho na grande cidade — um trabalho rude e violento, o mais violento que podesse encontrar, para ver se com a fadiga corporal conseguia dominar os terríveis pensamentos que me torturavam.

Achei, com effeito, trabalho n'uma fabrica de fundição, e ali me occupei durante dois annos, solitario e taciturno no meio dos meus companheiros, atormentado de remorsos, vendo continuamente diante de mim o espectro de William Gisborne.

Dizem que uma atracção irresistivel arrasta os assassinos para o theatro do crime. Creio na realidade d'esse phenomeno psychologico.

Senti desenvolver-se em mim esse desejo singular, e acabei por não lhe poder resistir. Voltar a Huncliff tornou-se para mim uma idéa fixa. Era impossivel que me conhecessem. Eu mesmo me reconhecia difficilmente, quando me via demudado e envelhecido, com os cabellos brancos, as faces encovadas, o olhar espantado e inquieto.

Puz-me a caminho e chegou a Huncliff, n'uma noite de verão, dois annos depois do dia terrivel em que o crime me obrigara a fugir d'ali.

Ao longe brilhava sobre o mar sereno a luz do pharol.

Esmagado, diante d'este spectaculo, pelas minhas recordações, caí de joelhos, cobri o rosto com as mãos e desatei a chorar.

Allivaram-me aquellas lagrimas. Segui pela rua principal da villa, onde ficava a estalagem do velho Wilson. Via de novo aquella casa, tão minha conhecida, com as suas cortinas vermelhas, atravez das quaes, a luz e um sussurro de vozes pareciam convidar os transeuntes a virem descansar e distrair-se um momento das fadigas do dia.

Hesitei um instante, faltando-me a coragem de entrar naquella casa, que eu encheria de luto. Mas uma força sobrenatural parecia impellir-me. Entrei.

Sentado a uma meza, Jacob Benson, um fruguez antigo, conversava com dois marinheiros. Conheci-o logo, mas vi com satisfação que não me reconhecia. Interromperam um momento, á minha chegada, a conversação em que estavam, mas logo continuaram, depois de alguns instantes de silencio.

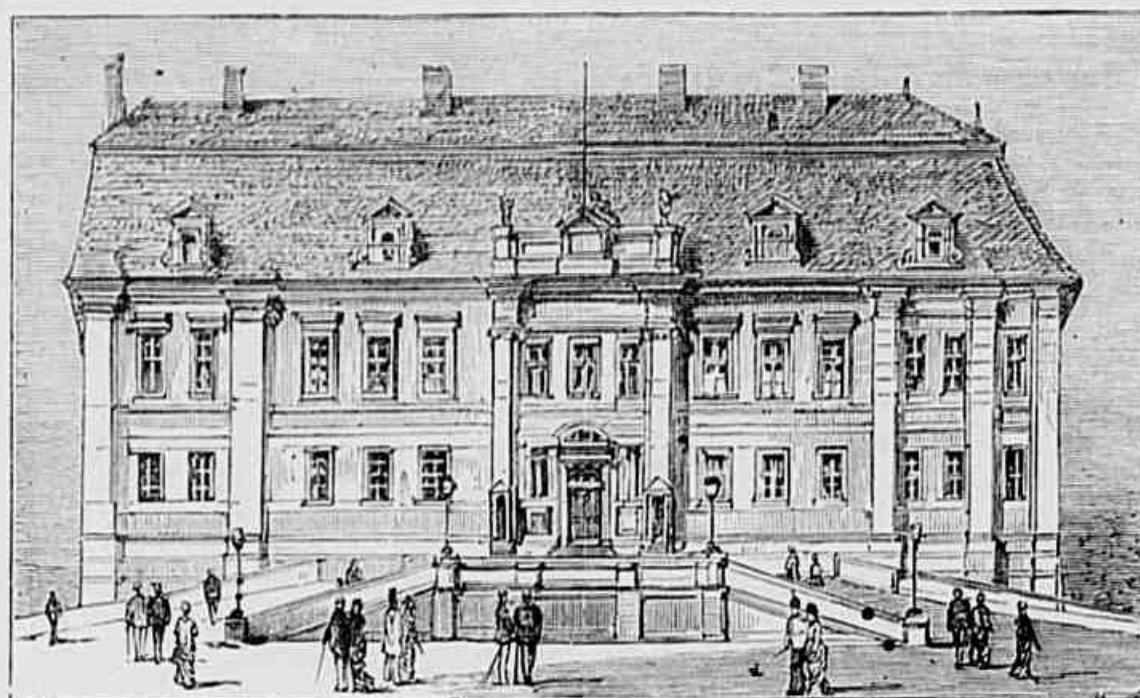
— Custa realmente a crer, dizia um dos marinheiros, que um homem se vodesse esconder n'aquelle sitio!

— Tudo é possível, quando se trata de salvar a vida, respondia o velho Benson. Quando o pobre William voltou a si, a maré molhava-lhe já os pés. Não se atrevia a voltar para o pharol, não tinha bote para vir para terra, e o temporal começava já a levantar-se. A sua posição era desesperada.

— E foi por ciumes que o outro tentou assassiná-lo? Perguntou o marinheiro.

— Sim senhor, por ciumes, volveu Benson. Amavam ambos Lucy Wilson. Lucy deu a preferencia a William, e o outro, para se vingar, tentou assassinal-o. — Mas, como fa dizendo, William escondeu-se na tal gruta: vendo augmentar o temporal, refugiou-se na lanterna e ali se conservou em quanto durou a tempestade. No fim de dois dias, melhorou o tempo, e o pobre William, vendo um bote largar de terra, atirou consigo ao mar, para ver se o alcançava a nado. Por pouco que se não afogou: mas, a final, sempre conseguiu alcançar o bote, onde vinham justamente Wilson e a filha. O pobre rapaz esteve uns poucos de dias entre a vida e a morte. Escapou milagrosamente, e deve-o aos cuidados de Lucy, que n'essa doença mostrou por elle a maior dedicação. Quanto ao outro, quando o procuraram no pharol, já tinha abalado. O mais provavel é ter-se afogado, tentando fugir a nado. Pouco a pouco esta historia foi esquecendo, Lucy e William acham-se tão felizes, depois que se casaram,

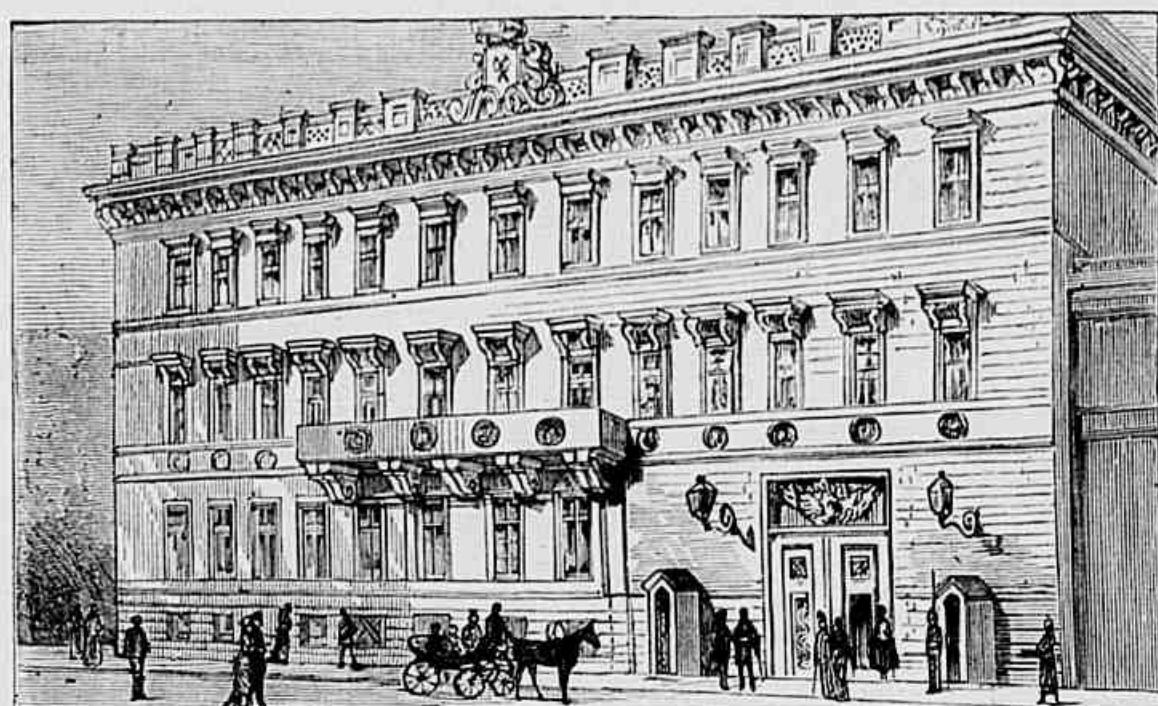
que provavelmente nem siquer se lembram já d'aquelle terrivel aventura...



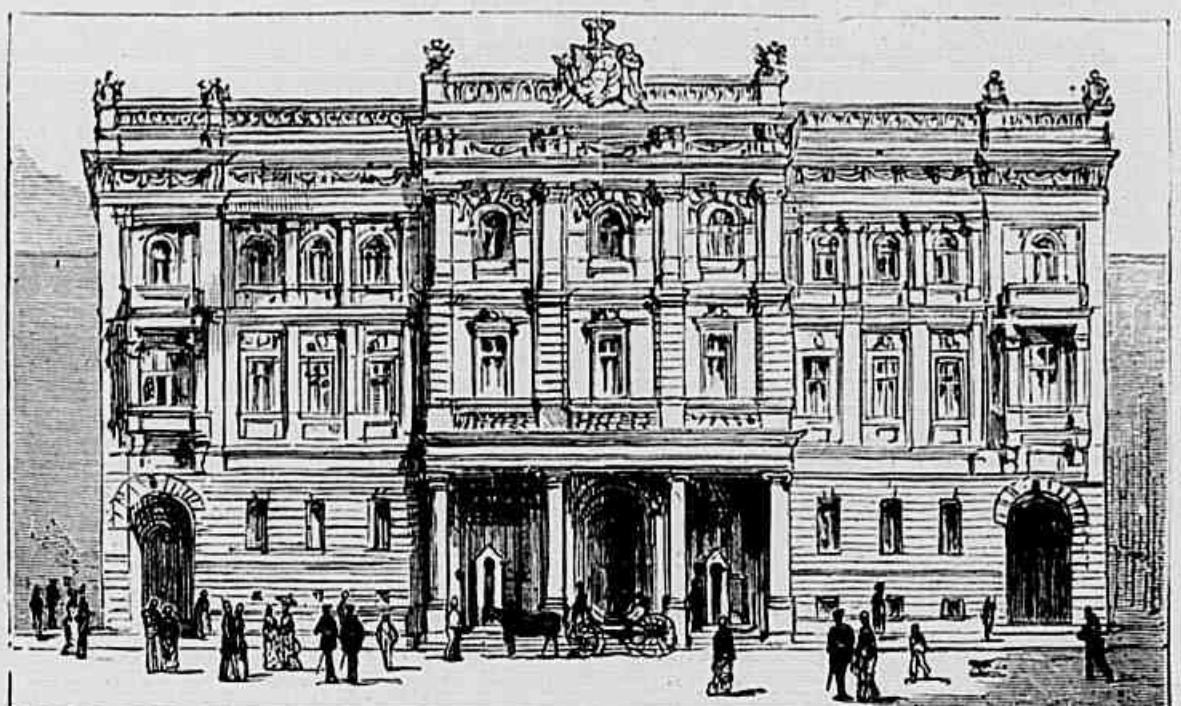
EMBAIXADA DA FRANCEZA



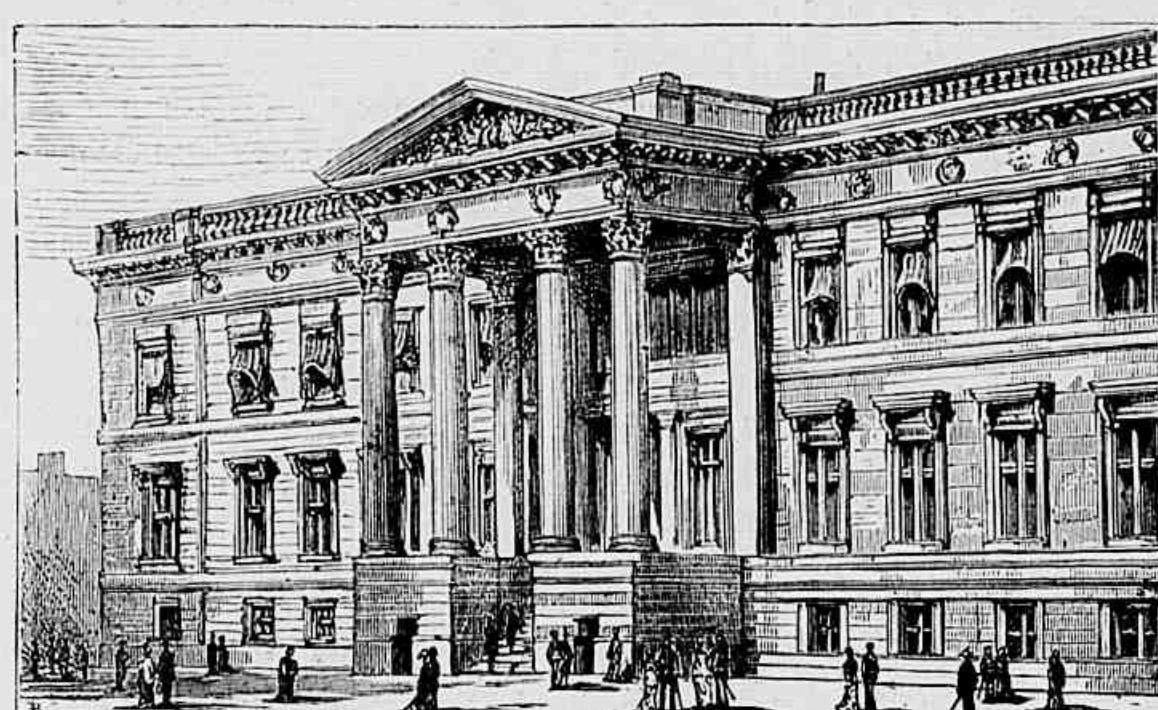
O KAISERHOF, HOTEL ONDE SE ALOJOU LORD BEACONSFIELD



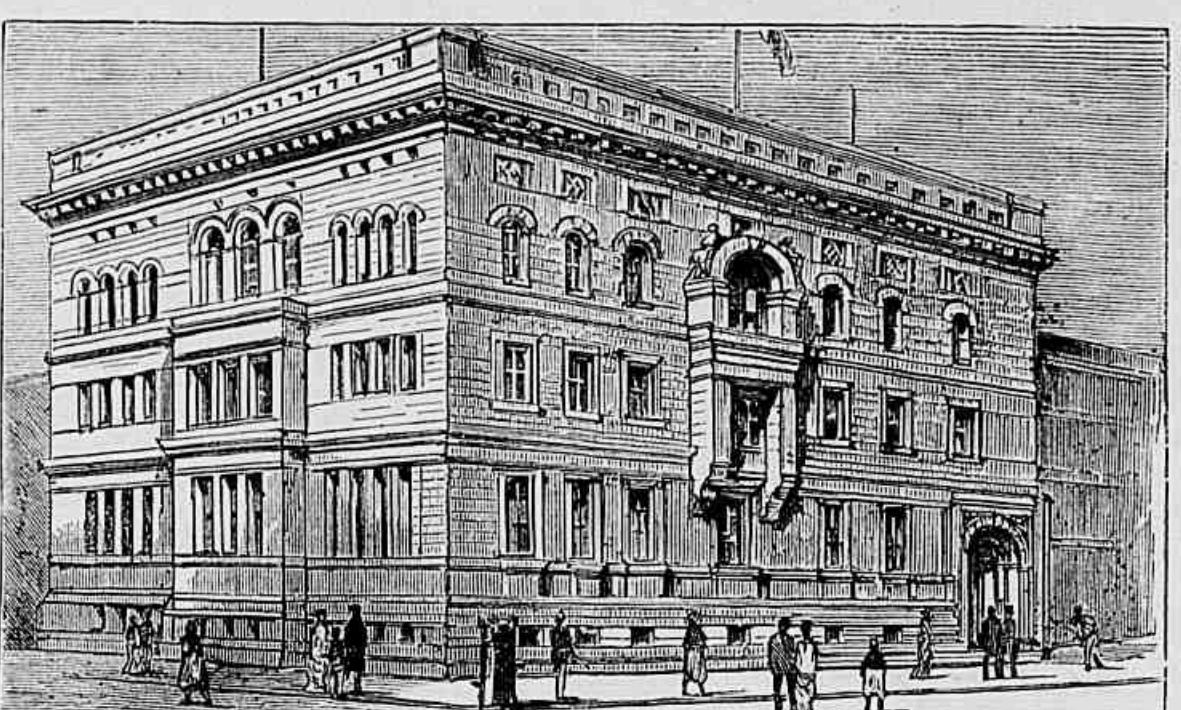
EMBAIXADA DA RUSSIA



EMBAIXADA AUSTRIACA



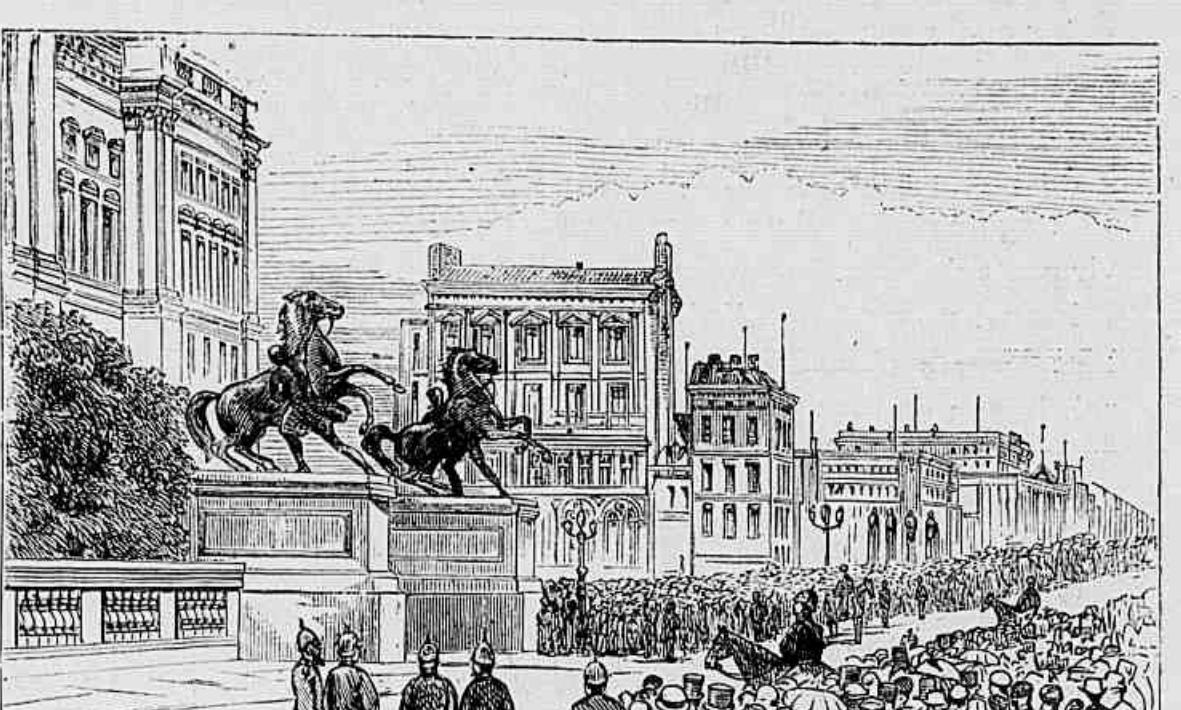
EMBAIXADA INGLEZA



EMBAIXADA TURCA



PALACIO REAL



ENTRADA DO PALACIO REAL

CONGRESSO DE BERLIM



UMA VISTA D'OLHOS NA CARTEIRA DO CORREIO

— Sim senhor, ponderou o marinheiro, é um par bem ditoso!

— E estimado de todos, concluiu Benson. Quando morreu o velho Wilson, foi um luto geral n'esta terra. Morreu contente, deixando a filha casada e feliz, e teve ainda a fortuna de ver nacer um netinho... olhe... elle ahi vem...

Olhei maquinalmente para a porta. Escorriam-me da fronte grossas bagas de suor. Sentia-me desfalecer. Vi entrar Lucy Wilson, mais bella do que nunca, sorrindo afectuosamente e trazendo ao colo uma linda criança, retrato vivo do meu antigo rival. Mil punhas me atravessaram, a um tempo, o coração: mas, coisa singular, senti conjuntamente um alivio imenso, uma alegria profunda, uma effusão de reconhecimento á providencia, que me tinha poupad o resultado de um crime.

O remorso transformára-se em arrependimento.

Lucy sentou-se junto da chaminé, entretendo-se a brincar com o gentil menino. Entrou alguem... senti uma vertigem, e, sem olhar, vi diante de mim o meu antigo companheiro, o meu rival, a minha victima, n'uma palavra, William Gisborne! Aproximou-se de sua mulher, segredando-lhe ao ouvido palavras amaravéis. Era um quadro encantador, cheio de graça inexpresável: para mim era a peor das torturas.

Como eram felizes!

E eu, miseravel, curvei a cabeça, sob a justa sentença do céu, e aceitando o resto da existencia como uma expiação, segui só, com as minhas dolorosas recordações, o caminho de Londres.

X...

O CONGRESSO DE BERLIM

As nossas gravuras representam os edifícios das Embaixadas em que residiram os Plenipotenciários durante a sua estada em Berlim por occasião do Congresso de 1878. Lord Beaconsfield, o representante da Grand-Bretanha, era o unico que habitava um hotel, o Kaiserhof.

Alem d'estas gravuras apresentamos duas relativas ao Palacio Real. Este palacio, excepto a parte em que está um museu, só serve para as grandes recepções, jantares aos embaixadores, etc. O Castello, como lhe chamam os Prussianos, ocupa o logar d'uma antiga construcção, edificada pelo eleitor Frederico IIº, em 1443, e foi começado em 1538 por Joaquim IIº, tendo sido melhorado e augmentado pelos successivos soberanos até 1845, época em que Frederico Guilherme IV mandou construir a capella, com uma cupola magnifica, e um formoso terraço com vista para o Lustgarten.

UM LANCE D'OLHOS NA CARTEIRA DO CORREIO

Em Inglaterra, nas casas de campo que ficam a grande distancia do correio, é costume haver uma carteira com duas chaves, das quaes uma é entregue ao director do correio e a outra fica em poder da familia que manda buscar as cartas. Por esta forma evita-se que os criados percam ou desviem por malevolencia as cartas do seu destino.

Aquella joven, impaciente por ver se na carteira vem alguma carta para ella, não espera pelo resto da

familia, e está passando uma rapida revista na esperança de encontrar algum convite para passar a noite, ou quem sabe? talvez coisa que a interesse mais.

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

Controversias e estudos litterarios; 1875-1878 por SILVA PINTO.

Colligio n'este volume o sr. Silva Pinto varios escriptos, artigos de critica, apreciando ou analysando conjuntamente, e seguindo os meandros da sua phantasia irrequieta, livros e homens de letras, artistas ou escriptores, nacionaes ou estrangeiros; e percorrendo assim um tanto ao acaso os dominios da arte.

Conhecido como um jornalista de talento, o sr. Silva Pinto não nos parece como critico corresponder ao fim determinado, porque, no nosso modo de ver, comprehende a critica sob um ponto de vista falso.

Tem o sr. Silva Pinto um temperamento de lucta; porque assim como existem os luctadores na ordem phisica, assim os ha na ordem moral; e obedecendo ao seu temperamento, entende a critica como um combate. Ora nós julgamos que a critica não é uma lucta, mas uma educação. Não consiste em esgrimir, mas em corrigir e emendar, não exige o esforço irritado, mas a serenidade do labor; e por isso o sr. Silva Pinto apparece-nos como um pamphletario, não como um critico. Como pamphletario não negamos ao sr. Silva Pinto, que tem as qualidades de um escriptor vigoroso, um verdadeiro merecimento. Para ter a authoridade de critico, faltam-lhe por ora um principio philosophico regulador, uma formula esthetic definida, e um methodo analytic firme, cousas que nunca podem ser substituidas pela paixão fogosa. Possue o sr. Silva Pinto recursos e facultades que desejamos, que sejam bem aproveitadas, e que, esperamos, produzirão fructos mais sazonados.

Determinação e desenvolvimento da idéa do direito, ou synthese da vida juridica por FRANCISCO MACHADO DE FARIA E MAIA. Fasciculo 1º, Coimbra, Imprensa da Universidade.

Uma obra de philosophia é facto raro em Portugal. Um grande trabalho sobre a idéa do direito foi emprehendido pelo sr. Francisco Machado, tendo sido recentemente publicada a primeira parte, de que aqui damos conta. Espírito metaphisico, eminentemente analytic, preparado por uma forte educação intellectual e por longos estudos na especialidade, o author reune as melhores condições para realizar a sua obra com exito excellente. E a primeira parte promette-nos essa realização.

É ainda o sr. Francisco Machado um dos poucos homens que existem em Portugal profundamente convencidos da idéa do progresso e cujas convicções, fundadas na doutrina da evolução, se estribam fortemente tanto nos dados scientificos como nos principios racionalistas. Por isso não nos podemos furtar ao prazer de transcrever a conclusão da primeira parte do seu trabalho, que é uma afirmação serena d'essas convicções e uma modesta profissão de fé, em que se encontra o *sursus corda* para os que se sentem invadir pelo desânimo. Conclue o livro do sr. Machado:

« É por isso que se a analyse dos principaes factos psychologicos tem sido feita de um modo mais ou menos satisfactorio, o mesmo se não pôde dizer da synthese, da reconstrucção da vida espiritual. Esta, apesar dos grandes systemas de todos os philosophos, é ainda hoje um desideratum; e todos os trabalhos n'este sentido são apenas tentativas mais ou menos felizes, que concorrem para o adiantamento da scienzia e melhor comprehensão da vida psychologica, mas que estão fatalmente destinadas a serem substituidas por outras mais perfeitas e completas. E não admira porque a intelligencia humana está como toda a realidade sujeita á lei geral do desenvolvimento de toda a substancia, e os seus progressos constituem uma serie de addicções successivas, cuja ordem a ninguem é dado alterar. N'este edificio da scienzia humana desde o humilde operario até ao architecto de mais levantadas concepções, concorre cada individuo por diverso modo, mas

obedecem todos a leis que se lhe impõem com igual necessidade. Se por um lado pois o homem que se dedica á scienzia não pôde ter o orgulho da fazer uma construcção definitiva, por outro lado deve ter a convicção de que o seu trabalho por insignificante que seja, não é um tributo inutil, mas representa uma das muitas acções necessarias para o levantamento do grande edificio.

LES COLONIES PORTUGAISES, Lisboa, Imprensa Nacional.

Apezar de escrito em francez, este livro pertence comodo a esta secção, porque é devido á pena labiosa de um dos mais distintos empregados do ministerio da marinha o sr. Lobo de Bulhões. É um trabalho historico e estatistico de muita valia, feito sobre documentos officiaes, e que tem em vista mostrar a grande importancia das nossas colonias, para que a acção governamental ou a iniciativa particular despertem do lethargo e imprimam aos nossos establecimentos de além mar o impulso civilizador, que lhes tem faltado: oxalá que a intenção do author atinja o fim que se propõe.

JOÃO TEDESCHI

VARIEDADES

Enterrou-se um d'estes dias em Paris um velho militar, o capitão Miguel Legendre, que era muito conhecido pela alcunha do *Homem sem braços*.

O capitão ficou com os dois braços amputados em consequencia do caso glorioso que vamos narrar.

Era na vespera da tomada de Sebastopol. O general Pelissier, tendo resolvido dar um golpe decisivo, mandou formar em quadrado os regimentos e dirigio aos soldados este brevissimo discurso:

« Soldados, preciso tomar Sebastopol. Para isso são necessarios duzentos rapazes decididos a irem na vanguarda das columnas d'assalto. O mais certo é que todos caiam deante do inimigo, mas é um sacrificio necessário. A unica recompensa que posso prometter aos que sobreviverem, é a de terem direito ao título de voluntarios do assalto de Sebastopol. »

No dia seguinte apresentavam-se 600 voluntarios resolvidos a marcharem ao encontro de uma morte quasi certa. Estes homens eram commandados pelo capitão Miguel Legendre, que perdeu os dois braços n'aquelle terrivel refrega.

Tinha muito orgulho em ter o titulo de *Voluntario do assalto de Sebastopol*.

*

*

Carta de um assignante de jornal :

Senhor redactor,

Ha vinte annos que sou um fiel leitor do seu jornal: infelizmente a minha vista começa a enfraquecer. Não seria possivel imprimir o meu exemplar em caracteres maiores?

*

*

Um provinciano em vespertas do casamento vem á capital e dirige-se ao melhor estabelecimento de chapearia, onde compra um chapéu.

Passados vinte e cinco annos o feliz mortal decide casar o filho com a sobrinha do recebedor.

Uns poucos de dias antes da boda volta á capital, vai á loja do mesmo chapelleiro, e logo ao entrar diz-lhe, com um sorriso de immensa satisfação :

— Cá estou eu outra vez.

O chapelleiro ficou a olhar para elle.

Proprietário Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS. — Impr. J. CLAYE. — A. QUANTIN et C°, rue St-Benoit [1838]

Papel da Casa Mac Murray de Londres

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

PERIODICO MENSAL PUBLICADO COM A COLLABORAÇÃO DOS PRINCIPAES ESCRIPTORES E ARTISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

PREÇOS DA ASSIGNATURA .

PORTUGAL E COLONIAS
(Moeda forte)

Anno	3\$000 réis.
Semestre	1\$500 "
Trimestre	\$800 "
Mez ou numero avulso	\$300 "

BRAZIL E AMERICA DO SUL
(Moeda fraca)

Anno	10\$000 réis.
Semestre	5\$000 "
Trimestre	3\$000 "
Mez ou numero avulso	1\$000 "

FRANÇA

E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS	16 francos.
Anno	8 "
Semestre	4 "
Trimestre	1 fr. 50

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Os assignantes de Lisboa ou Porto poderão, querendo, pagar os seus numeros no acto da entrega, na razão de 300 réis por cada numero.

Os annuncios e assignaturas devem ser dirigidos em França ao Sr. Salomão Saragga, rue Lauriston, 11, PARIS. Em Portugal, ao Sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42, LISBOA; e no Brazil ao Sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, 83, RIO DE JANEIRO.

BENTO MORENO

COMEDIA DO CAMPO (SCENAS DO MINHO)

VOLUME I

Historia vulgar. — Vingança do morto — O brinco d'Ermelinda.
A cobra. — O criado do cura. — O tio Agrella. — O ramo d'oliveira.
O canto do gallo. — O caso do Manoel do Eido.

VOLUME II

AMOR DIVINO (ESTUDO PATHOLOGICO D'UMA SANTA)

VOLUME III

(NO PRELO)

Antonio Figueiro. — A morte Negra. — O rei Absoluto. — O enterro d'um cão
Os ovos do recebedor da comarca.

Preço de cada volume : 500 réis

NOTA. — Os volumes da *Comedia do Campo*, já publicados vendem-se separadamente. Os pedidos podem ser dirigidos á Empreza Horas Românticas, Lisboa, rua da Atalaya, 42. O porte do correio é franco.

BIBLIOTHECA ILUSTRADA DE INSTRUCCÃO E RECREIO CONTOS INFANTIS

Cada conto forma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas.

ACHAM-SE PUBLICADOS OS SEGUINTES

- CHÁ DE D. BICHANA, (2.ª edição) Preço 200 réis.
- JANTAR DOS TÓTÓS, (edição esgotada)..
- PINTAROXO, (edição esgotada).
- O CÃO PALHAÇO, (edição esgotada).
- HISTORIA DE JOÃO DE GATINHAS, (edição esgotada).
- ANSELMO, O RUIM. Preço 200 réis.
- HISTORIA DO BARBA AZUL. Preço 200 réis.
- O MENINO E OS GIGANTES. Preço 200 réis.
- ALADDIM OU A LAMPADA MARAVILHOSA. Preço 200 réis.
- AVENTURAS DE UM ANÃO. Preço 200 réis.
- ALI-BABA OU OS 40 LADRÕES. Preço 200 réis.
- A PRINCEZA ENCANTADA. Preço 200 réis.
- A VELHINHA QUE MORAVA N'UM SAPATO. Preço 200 réis.
- A CAZA DE JOÃO RATÃO. Preço 200 réis.

NO PRÉLO

- A MAMÃ.
- O TARECO DE BOTAS.
- A GATA BORRALHEIRA.

À VENDA NA EMPREZA HORAS ROMÂNTICAS

Rua da Atalaya, 42, Lisboa

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

PAPEL RIGOLLOT
ou
MOSTARDA EM FOLHAS PARA
SINAPISSMO
Medalha de Prata
Havre, 1868
MEDALHA DE OURO
Lyon, 1872
MEDALHA DE PRATA
Paris, 1872

Diploma Honorifico
EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875
Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas
Ambulancias e hospitaes militares,
pela marinha nacional francesa e pela marinha real
inglesa, etc., etc.

« Conservar á mostarda todas as suas propriedades obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento possível um efecto decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado. » (A.) Bouchardat, *Anuario de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE
Devemos aconselhar aos nossos fregueses que se acantelem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir o **papel Rigollet** para **sinapismos**. O nosso papel é o único adoptado pelos hospitais civis, e militares, a bordo dos navios do Estado. E alem disto o único premiado nas exposições universaes tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um **diploma honorifico**.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de **Rigollet** deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarelo, que traz a firma do inventor

Exija-se esta firma. — *F. Rigollet.*

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24.
Paris.

Depositos : No Rio de Janeiro, Duponchelle, em Pernambuco, Maurese e Cia.

GRANDE HOTEL
DO
BRAZIL E PORTUGAL
RUE DE MONTHOLON, 30
PROPRIETARIO, L. LA PIERRE
PARIS

Este hotel situado no centro da Cidade, proximo dos caminhos de ferro e na vizinhança do *Square Montholon* acaba de ser novamente mobilado e organizado pelo seu novo proprietario que fala portuguez e hespanhol.

Accomodações independentes para familias e quartos separados a preços modicos por dia ou por mez.

Comida por lista ou á meza redonda.

Completo sortimento de vinhos franceses portuguezes e hespanhoses.

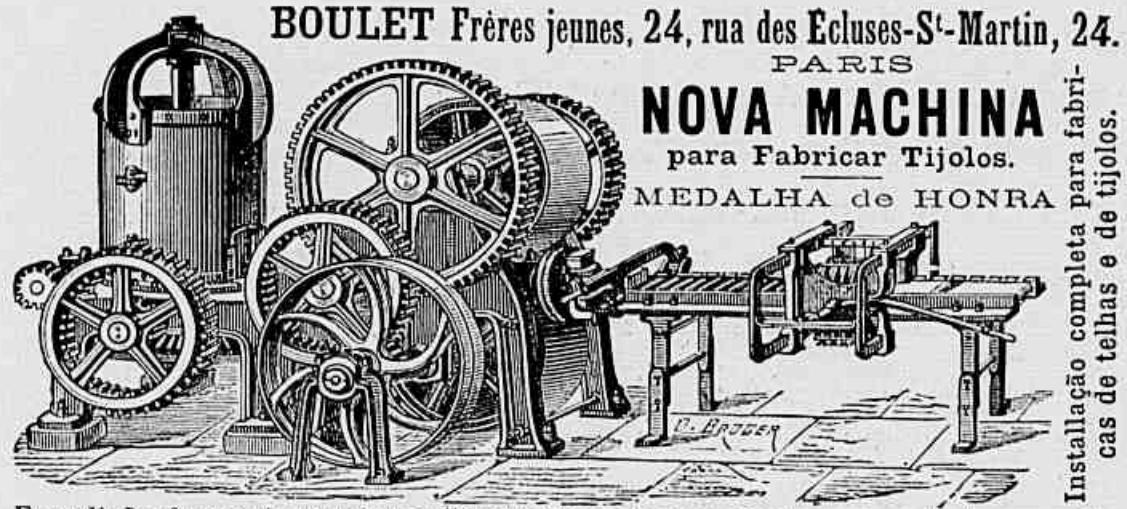
CATAPLASMA LELIÈVRE INSTANTANEA

APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

Adoptada pelo Ministerio da Guerra,
pelas Ambulancias e Hospitaes e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada.
PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emoliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego, não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO :
24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho : em todas as Pharmacias.



Instalação completa para fabricação de telhas e de tijolos.

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciara a pelle.—Pós de CYPRIS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeça.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado à Academia de Medicina de Paris e privilegiado em 1840. Recommendedo ha mais de meio seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como um especifico infalivel contra :

GOTTA E RHEUMATISMOS

Allivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.
EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO

DEPOSITO GERAL : Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE PÓ de Toucador

IMPALPABEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pelle a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.
4 — — — sem borla.

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

MEDALHA DE PRATA
Exposição Internacional de Paris 1875.

TRATAMENTO CURATIVO

da PHYSISCA PULMONAR

Em todos os grãos e em geral de todas as doenças do Peito e da Garganta
POR MEIO DO

SILPHIUM CYRENAICUM

Experimentado pelo Dr. LAVAL e adoptado nos Hospitaes de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR DERODE & DEFFÈS, PHARMACEUTICOS DE 1^a CLASE
Paris — 2, rue Drouot, 2, — Paris.

O Silphium administra se em Granulos, Tintura e em Pó.

Em Rio-Janeiro : Ruffier-Martelet e Cia. — Em Bahia : Lima Irmão e Cia. — Em Pernambuco : Bartolomeo e Cia.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Dá ao cabello uma cor natural, destroea a caspa e conserva o caseo n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'un prospecto revestido, bem como os rotulos, da assinatura do Doutor A. Holtz.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA